

de uma vegetação denominada Capetinga ; um pasto de duração e superior alimento ao gado vaccum, que alli desenvolve-se de uma maneira asombrosa ; isento do be-ne ; tem innumerous barreiros donde o gado se salitra ; seu commercio actual é nullo ; e sua lavoura é morta ; mas em futuro não remoto, este ultimo districto será o primeiro do municipio e talvez o jardim da matta.

Eis o relatório do municipio do Caratinga, feito a 10 de maio de 1905.

Por Ricardino de Abreu e Silva.

Escrivão de paz do districto da Floresta por serventia vitalicia,

UM SATIRICO MINEIRO

A NESTOR PESTANA.

De visita a Bello Horizonte em Dezembro de 1911, pude examinar varias curiosidades historico-literarias, enthesouradas pelo distincto estudioso das cousas patrias Nelson de Senna, entre as quaes a poesia *O pasquiereiro*, attribuida ao -padre Silverio da Paraupeba, cuja tradição se nutre de anedotas e rimas picarescas.

Ficou-me de memoria apenas a estrophe inicial dessa producção, que alli correu sempre manuscrita :

«Contam-me que no Bomfim
Surgiu agora um patêta,
Intromettido a poeta,
Que faz versos contra mim.
Esse chefe de motim,
Esse villão, esse sécca,
Esse do povo petêca,
E vaso de mutirão,
Tome outro accordo, senão
Desta feita leva a bréca.»

O *vaso de mutirão*, objecto em que todos vertem, na conhecida festa cooperativa, é uma das contas menos escandalosas daquelle rosario de desaggravos metricos.

Faz poucos dias, tornei a ver *O pasquiereiro*, já em letra de fôrma, trasladado pel'*O imparcial d'A união*, organ do *Centro catholico do Brasil*, que lhe decotou a cauda berrante de indecencias.

O «merito de documento satirico», patenteando «um Gregorio de Matos de Batina», motivou a referida transladação, devêras interessante a tal aspecto.

Mas, quem foi ao certo esse *Bocca do Inferno tonsurado* ?

Não nol-o disse o traslator, e, entretanto, conviria firmal-o, desfazendo erronea noticia antiga.

R. A.—3

NO FLORILEGIO DA POESIA BRAZILEIRA, ed. da *Imprensa nacional*, Lisboa, 1850, t. II, pg. 620, encontra-se a *Fabula do morro do Ramos*, encimada pela indicação de autoria — *Padre Silverio da Paraupeba*. Do autor, também informa F. A. de Varnhagen, em nota: «Era filho de Minas e poeta fecundo por natureza. Morreu cego.»

Joaquim Norberto quiz emendar-lhe a mão, apontando mais o berço e a época, Porém como não tivesse a jeito elementos para tanto, forjou a talante dados biographicos.

Vejamos as suas torceduras, no intuito de chegar a um resultado, aparentemente satisfatorio.

NA HISTORIA DA CONJURAÇÃO MINEIRA, ed. B. L. Garnier, Rio de Janeiro (sem data declarada, mas de 1873), lê-se, primeiro, em nota, á pg. 65:

«Outro grupo de poetas figurava na comarca do Rio das Mortes presidido por Silvestre Dias de Sá, conhecido geralmente pelo padre Silvestre de Paraupeba...»

Depois, no texto, á pg. 85:

«... Silvestre Dias de Sá, poeta humorístico, conhecido pelo padre Silvestre da Paraupeba, por ahí possuir uma fazenda...»

E, finalmente, anotando esta passagem:

«Tinha 55 annos, e era natural da freguezia de N. S. da Piedade da Borda do Campo. Interrog. de 16 de Nov. de 89. App. 22 de Dev. de M. G. NO PARNASO BRAZILEIRO, do conego Januario Barbosa, vem uma sua poesia sobre a *fabula do morro de Ramos*.»

Temos, assim, o padre Silvestre, natural da Borda do Campo, erigido em autor da *Fabula do Morro do Ramos*, i. é., identificado ao padre Silverio da Paraupeba, devido unicamente á analogia dos prenomes e á circumstancia domiciliar.

Em sua critica eivada de romantismo, quasi não podendo admitir revolucionario politico extranho ás Musas, Joaquim Norberto alçou ao Parnaso um levita sem dotes poeticos, inventando que era o mesmo «poeta humorístico» e «geralmente conhecido pelo padre Silvestre da Paraupeba» «por ahí possuir uma fazenda» ...

Contudo, havia já uma decada que estavam reunidas em volume impresso, 8.º fr. de 93 paginas, as principaes poesias do padre Silverio da Paraupeba: TROVAS MINEIRAS, do padre Silverio Ribeiro de Carvalho, publicadas por J. M. Vaz Pinto Coelho, *Typographia Portugal e Brasil*, rua da Assembléa n. 34, Rio de Janeiro, 1863.

Dessa obra, hoje exgottada e rara, manuseámos um exemplar, no Archivo Publico Mineiro; é o que á Bibliotheca publica de Ouro Preto doou o dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo (pae), a quem o offerecera o editor, seu amigo e collega.

Eis o respectivo indice:

Silva.....	1
Petição..	9
Ao ouvidor de Villa Rica.....	14

Decimas do mesmo..	15
Disparates provisionios.....	18
Prisão do Pinto.....	21
Decimas ao Pinto.....	23
Ao Forbes.....	28
Receita para um carcunda.....	30
A' sahida de Manuel Ignacio.....	31
Noites de J. A. Bento e o diabo.....	32
A' saída de J. A. B. Ribeiro.....	41
Deliberações provisionias.....	43
Testamento de J. A. B. Ribeiro.....	45
Sonet.....	55
Funeral do desgoverno provisionio.....	56
Installação do novo governo.....	57
Soneto.....	58
Sonetos de S. A. R. o Principe Regente.....	59
Arrufos.....	64
Decimas ao Loyola.....	66
A um com baldas de poeta.....	69
Sonet.....	73
O que espero.....	74
A D. Pedro I.....	76
Bravos mineiros.....	81
Fabula do morro do Ramos.....	84
A***.....	91

Na *Silva*, descriptiva de uma viagem que fez o autor, de [sua propriedade agricola *Contenda* para outra denominada *Boa esperanza*, afim de assistir á primeira missa do padre Josino Monteiro, refere-nos logo que—é natural da Paraupeba, e não simples residente, chama-se Silverio, e não Silvestre:

«Quem diria que o vale p'raupebano»,

«Sim, senhores, o mundo o que diria?
Por ingrato o Silverio passaria,
Que as finezas e extremos dos amigos
Se medem por trabalhos e perigos.

As aguas do P'raupeba, *patrio rio*,
A quem as bebe dão lembrança e brio;
Não são como as do Lethes somnolento,
Que causam criminoso esquecimento».

E só isso bastaria a derrubar o castello de cartas do phantasista da CONJURAÇÃO MINEIRA.

A poesia é fluente e a espaços graciosa :

«E, sem temer estorvos na jornada,
Segui minha derrota ;
Passei a salvo *Porto Alegre e Grola*,

Os estreitos dos *Sousas*, emfim, passei ;
Porém a poucos passos encontrei,
Sobre a ponte da *Barra* escarranchado,
Um venerando velho, alvibarbado,

E, apenas nelle com a vista esbarro,
Os bois pararam, e parou-me o carro !
—«Não venho, elle me diz, fazer-te damno :
Este velho, que vês, é o *Desengano*,

Que ha muito te espera ;
Ouve verdades pois, e considera.
—Vem cá, nescio ; ora dize onde vás ?
Não conheces que já não és rapaz

Para folias taes emprehenderes ?
Tempo era de juizo tores,
Posto no carro—*ei ! ei !*—feito um vadio
Sem temer os barrancos deste rio».

E, depois, visando directamente o objectivo da jornada, figura mais estas verdades a considerar :

«Se para a sociedade já não prestas,
Não queiras ser entulho onde haja festas.
Tu és hoje um poeta aposentado,
Já de *Appollo* e das *Musas* desprezado

No *Pégaso* não podes mais montar,
Que por ligeiro pôde te esbarrar,
Ou, jogando de lombo,
Lá do *Parnaso* abaixo dar-te um tombo.

Se de forças nas pernas sentes faltas,
Já mais não serves para dansas altas ;
Não sejas paturébas e perarvilho,
Vai fazer nova roça e colher milho.»

Todavia, a despeito de estar maduro em annos e preso de achaques, como antes confessa, ainda lhe não era insubmissa a avena pastoril, bem o demonstrando os seguintes versos, por vezes harmoniosos :

«Agora, pois, que o sol da tarde,
Com seus raios as tenras ovelhinhas
Faz que busquem abrigo entre as folhinhas
Do mais copado arbusto ;

Agora, pois, que o gado mais robusto
Deixa o pasto e, cruzando as mãos no peito,
Se reclina, fazendo em brando leito
Da relva descansar seu triste fado,
Deposto, mal por pouco, o duro arado;
Agora que o pastor deixa a manada,
Dos lobos mal guardada,
Só por fim de gosar a doce sésta,
Na emmaranhada sombra da floresta,
Ou nas margens do arroio *crystallino*;
Agora, que o cansado peregrino
Já deixa o proseguir na estrada dura,
Buscando a branda sombra, na espessura,
Ou no concavo abrigo de um penedo;
Agora, que o caçador, gostoso e ledó,
Bem que offega cansado e que respira,
Do campo se retira
E não fere no bosque as pingues aves ;
Agora, que seu canto, em ternas claves,
Albano alterna, e *Nize* á sombra grata;
Agora, enfim, que tudo se dilata
No descanso e nas doces alegrias
Com que passamos tão ditosos dias,
—Cantemos, fruta, os gostos prazenteiros,
Que se diffundem pelos bons *Monteiros*.»

Segue-se o elogio das virtudes, privadas e publicas, dos *Monteiros*.

Na sua mocidade teria tido dissabores amorosos, a não serem méros brincos de imaginação as decimas dos *Arrufos* e um soneto de *desengano*.

São duas peças estimaveis, em relação ao tempo, e que ainda hoje merecem lidas :

«*Filena*, eu não me desdigo,
Já agora sei quem tu és;
Enganaste-me uma vez,
Não quero nada contigo;
Já, do meu erro em castigo,
Renuncio ao teu favor;
Olha, eu me explico melhor :
—Desfez-se a nossa paixão;
Eu já não te choro, não.
Não quero nada de Amor.

Cruel, farta os teus rigores
Em mim, nega-me os affagos;
Mas, se fizeste os estragos,
Ao menos ouve os clamores.

Torna a soltar os furores,
Levanta de novo a mão
Contra um triste coração :
Darás, tirando-me a vida,
Signaes de compadecida,
Se de mim tens compaixão.

Eu renuncio ao socorro,
Que, inda, talvez possas dar-me,
Pois dás-me a vida em matar-me,
Que eu morro porque não morro.
Não presumas que discorro.
Em buscar remedio á vida;
Quero s' que, enfurecida,
Me tires de todo o alento :
Carroza esse instrumento,
Profunda mais a lerida.

Se nesta separação
O que por ti sinto ignoras,
Vem ver, meu bem, como as horas
Passo em triste solidão;
Em deserto a povoação
Meu mal convertido tem.
E cre que não posso ter
Allivio enquanto estiver
Ausente de ti, meu bem.»

«Enganei-me com Jônia ; paciência...
Cuidei que achasse um coração constante,
E que debaixo de um gentil semblante
Morasse uma alma cheia de innocência :

Achei, em vez de amor, uma apparencia,
Que passou por verdade, e a cada instante
Uma alma enganadora, um genio errante.
Enganei-me com Jônia ; paciência...

Oh ! quem antes de amar a conhecera,
E, então, tivera, como tenho agora,
Um coração de bronze, e não de cera.

Mas, se lho era costume o ser trahidora,
Fez muito bem, obrou como quem era.
Que não fora mulher, si assim não fora.»

Na *Petição*, a D. Pedro Maria Xavier de Athayde e Mello, em dia de anniversario natalicio deste capitão-general de Minas (21 de Julho de 1803 a 5 de Fevereiro de 1810), o padre Silverio Ribeiro de Carvalho, algo nos revela de sua ascendencia :

«Meu paé foi bom rocetro,
Sete annos foi assentista,
E, porque colhia barras,
Ficou-me sempre isto em vista.»

E apenas gracejava, ao que parece, dizendo-se candidato a uma arrematação :

«Só me falta rématar
(E que a Junta assim o queira)
A despesa dos quartéis
Desta villa e da Cachoeira.»

Eram de uso similliantes jocosidades, em taes occasiões.

A propria *Fabula do morro do Ramos*, especie de parodia ao camoneano Adamastor, dedicada a D. Maria Magdalena Leite de Oliveira, esposa do mesmo capitão-general, obedeceu a identica inspiração :

«Qual Dom Quixote
No Rocinante,
Já cavalleiro
Me fiz andante.

Apenas raia,
A luz phebca,
Não busco encantos
De Dulcinéa :

A estrada busco
De Villa Rica,
Que doze leguas
Distante fica :

Só por beijar,
Neste almo dia
A mão piedosa
D'alta Maria.

Passo a Itabira,
Passo a Cachoeira,
E a mesma Serra
Subo á carreira,

Aonde o conde
De Cavalleiros
Deixou a fonte
Aos passageiros,

Que alli descansam
Junto á corrente,
Quando abrasa
A calma ardente.

Logo, presago,
Meu coração
Cá palpitou-me,
Nem era em vão :

Porque, chegando
Ao fim da Serra,
Ouço um ruido
Que alli me aterra.

De espessa gruta,
Do sol isempta,
Figura horrenda
Se me apresenta.

Tostado o corpo
Tinha a figura ;
Mais de mil palmos,
Tinha de altura.

Os olhos fundos,
Faces chupadas,
As barbas brancas,
As mãos myrrhadrs.

Mal se apresenta,
Pasma o cavallo.
Cheio de espanto,
Assim lhe falo :

— «Quem és, me dize,
O' monstro horrendo ?»
Mal lhe pergunto,
Fiquei tremendo.

Depois de um pouco
Estar calado
Como quem soffre
Um mal pesado,

Abrindo a bocca,
Onde se viam
Tres velhos dentes,
Que já boliam,

Alçando aos ares
A carantonha,
Com voz cansada,
Porém medonha :

—«Sou Ramos, disse,
Filho da terra.
Que aos altos deuses
Tambem fiz guerra.

Com Villa Rica,
Tomei amores,
Que hoje me causam
Magoas maiores.

Ella me fez
O leito d'ouro,
E fez-me entrega
Do seu thesouro.

Vivia farto,
Alegre e cheio,
E dos amores
Em doce enleio.

Porém os deuses,
Que se aggravaram,
Logo a soberba
Me castigaram.

Neste alto morro,
Precipitado
Por meu castigo,
Fui transformado.

Meus longos ossos,
Que aqui jazeram,
Em duras pedras
Se converteram.

Por maior pena,
Maior castigo,
Tenho a Velloso
Por inimigo.

Elle me estruge,
Elle me aterra,
Fazendo sempre
Continua guerra.

Agudos ferros,
Forças extranhas,
Me vão rompendo
Estas entranhas.

Tenho defronte
A minha bella ;
Mas ah ! não posso
Chegar-me a ella.

Deito-lhe os olhos,
Votos lhe offereço,
Nem um aceno
Sequer mereço.

Nos seus ouvidos,
Por meus suspeiros.
Soam medonhos,
Horrendos tiros.

Lgrimas tristes,
Correndo em fio,
Nas repuchadas
Daqui lhe envio.

Porém debalde
Suspiro e choro,
Por essa imagem
Que inda hoje adoro.

Entre prazeres
De mim se esquece,
Ou por enorme
Me desconhece.

Pois que com ella
Falar não posso,
Pelo destino
Ou fado nosso ;

Dize-lhe que hoje,
Bem que se occulta,
O seu amante
Tambem exulta.

Que, pois, lhe pede,
Como em penhor
Do seu antigo,
Fiel amor,

Que desse nobre
Metal luzente,
Que do seu seio
Vai na corrente.

Um padrão alto
Mande erigir,
Onde estas letras
Faça insculpir :

— A par de Pedro,
Com alegria,
Por longo annos
Viva Maria ! »

No entanto, não era um adulator de poderosos o paíre *Silverio da Paraupeba*.

Provam-n'o de sobejo capiosos versos, de remoques ferinos, endereçados aos membros do Governo provisório (21 de Setembro de 1821 a 20 Fevereiro de 1824), entre os quizes os sonetos dedicados ao ouvidor e corregedor de Villa Rica, o dr. Francisco Garcia, suspenso por uma das juntas governativas.

Julguem pelo fecho do primeiro desses sonetos, em que ha uma dupla reminiscencia litteraria de Ovidio e Camões :

« Que podias temer desta palhada,
Se tens, para aterrar seu vil intento,
Numa mão a penna, noutra a espada ? »

Nas *Noites de José André Bento Ribeiro e o diabo*, exprime-se esta guisa :

« Logo pois que rei tu sejas
Ha de te ser necessário,
Para fundo de um Erario,
Roubar a prata ás Igrejas. »

E no *Testamento de J. A. B. Ribeiro* :

« Em dois partos deste lote,
Despejando neste mundo
Um Minotauro segundo,
Um segundo D. Quixote. »

Um dos seus alvos constantes era o « Pinto nuello », que supponho Luiz Maria da Silva Pinto, secretario da 2.^a Junta.

Liberalão dos quatro costados, não perdôava aos *carcundas*, ou *caramurús*.

Quando em 1833 os chefes liberaes faziam o cerco de Ouro Preto, enviou-lhe umas quadrinhas, que foram recedidas pelo [coronel Antonio Vaz da Silva no lugar denominado Bocaina.

Começavam do teor :

Esses traidores
Caramurús
Das nossas armas
Viram o truz

Nesse destroço
 Dos *des ordeiros*,
 Que são a injúria
 Dos mineiros.

Tal produção afigura-se-me uma das ultimas do padre patriota. Nas TROVAS MINEIRAS não se incluíram as de estilo meio pornographico, excepto a das *Decimas ao Loyola*. Porém esta o foi com as expressões infensas ao decoro, aliás poucas, substituidas por linhas do pontos.

Ignacio Loyola, mameluco paulista, natural da nossa primeira cidade littoranea, residia na villa de Caethé, sendo de seu myster alfaiate de elegidos. Numa excursão suspeita pela rua do Tejuco, ficou mal ferido, asando ensejo a que o *padre Silverio da Paraupeba* perpetrasse umas rimas esfusiantes :

«Saberão que o Loyola,
 O nosso mestre de lobas,
 Ao depois que teve as bobas,
 Já lhe atura mais a sola
 —Ignacio cura a bandola,
 E não queiras pardas fulas;
 Não ouças mais suas chulas...
 Olha que tudo são petas :
 Ou has de andar de mulotas,
 Ou a cavallo nas mulas.
 Perguntei ao Loyola
 Que foi fazer no Tejuco;
 Respondeu: «jogar o truco
 E contar muita parola.»
 E assim, jogando a bola,
 Deu com ella no cadoz.
 Mas eu só ouço uma voz,
 Que diz: Sinhá, não me bulas.
 Que os choutos de duas mulas
 Me trazem de catrapoz.»

Adiante ensina um «porrete» ao que «caiu na corriola», mas certo de vel-o «dansar o quimbête».

E conclue, dizendo :

«Depois disto saibam quantos
 Que, sendo filho de Santos,
 Está levado do diabo!»

O padre preconizava a meude mezinhas de solimão e quejandas, para molestias secretas, e conhecia doutos especialistas em receitas desse lote.

A um com baldas de poeta, por signal que «pharmac», recommendava :

«De noite, com mais cautela,
 No teu Curvo e Mirandella
 Estuda,» etc.

Ora, Mirandella era o vulgo do medico de D. João V, dr. Francisco de Miranda Henriques, fallecido em 1731. Escrevera elle em 1710 o TRATADO UNICO DO USO E ADMINISTRAÇÃO DO AZOUGUE. NOS CASOS EM QUE HE PROHIBIDO (sic).

Não só nas *Decimas ao Loyola*, como nas demais de franca mordacidade, que são quasi todo o livro, abundam curiosas *phrases feitas*, algumas carecedoras jê de elucidação.

Ao TROVAS interessam, pois, sobretudo, aos *folk-loristas*.

Silverio Ribeiro de Carvalho foi, sem duvida, o immediato precursor dos satiricos mineiros José Maria Xavier e José Joaquim Corrêa de Almeida, tambem sacerdotes catholicos, ambos de excelsas virtude:, não obstante a veia sarcastica.

Honrando-lhe a memoria, um escriptor de bons quilates, o dr. Antonio Felicio dos Santos, adoptou por pseudonymo—*Padre Silverio da Paraupeba*.

21—3. 913.

Alberto Faria.

Dona Maria por graça de Deos Raynha de Portugal e dos Algarves da quem e dalem mar em Africa Senhora de Guiné e da Conquista Navegação, Commercio da Etheopia, Arabia, Persia e da India &.

Faço saber aos que esta Minha Provizão virem que attendendo a Thomaz Joaquim Pereira haver rematado em virtude da ordem de 9 de Agosto de 1771 na Meza da Junta da Administração de Minha Real Fazenda a serventia do officio de Escrivão dos defuntos e ausentes da Villa do Sabará da comarca do Rio das Velhas, por trez annos, offercendo por ella o Donativo de quatro contos de réis e por esperar do rematante servirá com a certo guardando em tudo o Meo Serviço e o Direito as partes: Hey por bem fazer mercê ao dito Thomaz Joaquim Pereira da serventia do referido officio de escrivão dos defuntos e ausentes da Villa do Sabará da comarca do Rio das Velhas pelo tempo de trez annos que hão de ter principio em o primeiro de Janeiro de 1782 afindar no ultimo de Dezembro de 1784 vencendo com ella o salario se o tiver preciso precalços que directamente lhe pertencerem e exercerá o dito tempo não tendo crime ou erro algum em quanto Eu o houver por bem e não mandar o contrario. E constou por certidão do Escrivão de Minha Real Fazenda Theotonio Mauricio de Miranda Ribeiro ter pago o rematante cento e cincoenta mil réis de Novos Direitos do mencionado tempo que forão carregados em receita ao Thesoureiro della Pedro Jose da Silva a fls. 42 v do L.º 3.º de Novos Direitos de officios e Cartas de seguro que serve com o mesmo; Cujo Donativo de quatro Contos de reis e a terça parte que tiver de lotação no